

DBO

A REVISTA DE NEGÓCIOS DA PECUÁRIA



Robustez na simplicidade

Como a Fazenda Rodoserv IV consegue, sem sofisticação tecnológica, alcançar índices vistosos na cria, como taxa de prenhez de 90% e de desmama de 83%.

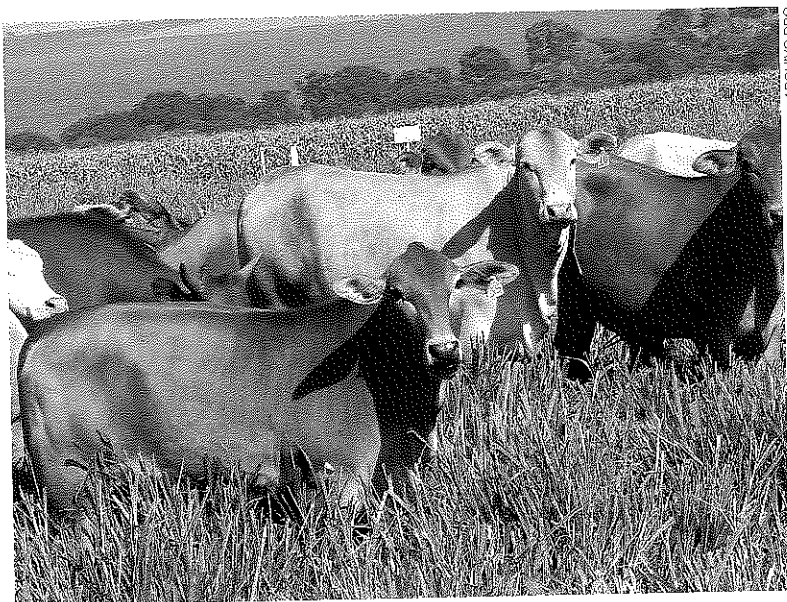
O futuro da pecuária, na visão das lideranças que estiveram na Interconf.

Hambúrguer "gourmet" ajuda na valorização do boi de qualidade

Produtores pagam caro por vacinação em lugar errado no boi

Outra vez, sustentabilidade.

Simpósio da Esalq apresenta tecnologias para elevação da produtividade a pasto e mitigação de gases de efeito estufa na pecuária



Intensificação, via integração com a agricultura, é uma das ferramentas

MARISTELA FRANCO
maristela@revistadbo.com.br

O conceito de sustentabilidade virou mantra na pecuária de corte brasileira, embora atingir esse nível de equilíbrio produtivo seja tarefa complexa, especialmente em sistemas baseados em pastagens, que compreendem dois componentes orgânicos: o capim e o boi. O tradicional simpósio de manejo de pastagens organizado pela Escola Superior Luiz de Queiroz (Esalq), entre os dias 8 e 9 de setembro, em Piracicaba, foi totalmente dedicado ao tema. O desafio da sustentabilidade na pecuária nacional é grande, conforme explicou Moacyr Bernardino Dias-Filho, pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental. O Brasil tem cerca de 100 milhões de hectares de pastagens já degradadas, ou seja, com acentuada diminuição na capacidade de suporte, podendo ou não ter perdido potencial para acumular biomassa (produtividade biológica).

A recuperação de uma pequena parcela dessas áreas degradadas já exerceria grande impacto positivo sobre a pecuária de corte. Estima-se que o aumento de apenas 20% na produtividade das pastagens brasileiras supriria as demandas de carne do País pelos próximos 30 anos, além de prestar relevantes serviços ambientais, como garantir cobertura vegetal e matéria orgânica para o solo, facilitar a infiltração da água da chuva, sequestrar

CO₂ da atmosfera e evitar o desflorestamento. Em função disso, a recuperação de pastagens deve ser o ponto de partida para a adoção de sistemas de produção pecuária sustentáveis. Antes, porém, segundo Dias-Filho, é necessário quebrar velhos paradigmas, como a crença de que o pasto não é uma cultura agrícola e pode ser gerido apenas pelas leis da natureza.

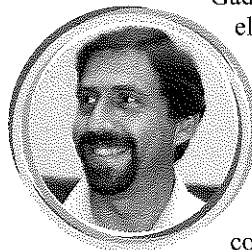
Poder da integração

Além de linhas de crédito específicas para recuperação de áreas degradadas e de serviços públicos de extensão rural, o produtor precisa de tecnologias para produzir carne de forma sustentável. Dentre as alternativas já disponíveis está a integração lavoura-pecuária. Segundo Paulo Faccio Carvalho, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, este é um dos raros sistemas que permite elevar a produção de alimentos com baixo impacto ambiental, evitando a degradação do solo pela erosão, a perda de nutrientes e o uso excessivo de insumos químicos. Ao contrário do que muitos pensam, a presença dos bovinos não causa compactação do solo, a não ser quando o produtor exagera muito na lotação, reduzindo a oferta de capim e obrigando os animais a se deslocar muito pela área em busca de alimento. Nestes casos, pesquisas já registraram um aumento de 100% no número de passos dados por eles, em comparação com situações de oferta adequada.

No geral, em sistemas integrados, o boi favorece a lavoura e vice versa. Segundo Faccio, os dejetos orgânicos dos animais, por exemplo, atuam como agentes "cimentantes", pois agregam as partículas do solo. A introdução da pastagem no sistema é benéfica também por outros motivos. Ela contribui para a melhoria da composição química do solo, ajuda a diminuir seu nível de acidez e favorece a diversificação da microbiota. Além disso, o capim fornece grande volume de palha para o plantio direto. Faccio recomenda, porém, que se use intensidade de pastejo moderada, independentemente de o sistema adotado (rotacionado ou contínuo), para se garantir tanto quantidade quanto qualidade de forragem aos bovinos, que, podendo selecionar seu alimento, se movimentarão menos pela área, ganharão mais peso individualmente e pisotearão menos o solo.

Nesta linha de raciocínio, Roberto Giolo de Almeida, pesquisador da Embrapa Gado de Corte, lembrou que o potencial da integração no Brasil é enorme. Estima-se que existam cerca de 67 milhões de hectares

de áreas aptas à adoção do sistema, dos quais 4 milhões já estariam estruturados em projetos, a maioria deles no Centro-Oeste e Sudeste. Um estudo conduzido pelo pesquisador Armino Kichel, da Embrapa Gado de Corte, em 2011, mostrou que a integração eleva bastante a produtividade pecuária (31,4@/ha/ano, ante 4@/ha/ano da pastagem degradada), além de garantir lucro adicional com a venda de grãos (58 sacas de soja/ha e 37,7 sacas de milho em safrinha). Em função disso, segundo outro pesquisador da Embrapa, Joelsio Lazzarotto, as chances de um projeto obter resultado negativo com integração é de 26%, em contraste com 52% da lavoura tradicional.



Facchio, da UFRGS: ILP só tem vantagens.

Potencial das leguminosas

Outra tecnologia com alto potencial para uso em projetos de pecuária sustentável é o consórcio de capim com leguminosas, plantas forrageiras que garantem maior longevidade às pastagens; fixam nitrogênio no solo, melhoram a qualidade da dieta fornecida aos animais e, consequentemente, seu ganho de peso; reduzem a infestação por plantas daninhas e riscos de intoxicação por plantas tóxicas; diminuem as emissões de metano e o impacto de parasitas na saúde animal. Para obter todos esses benefícios, contudo, é preciso que o consórcio escolhido seja compatível ou que a reintrodução periódica da leguminosa na área seja economicamente viável.

Segundo Carlos Maurício Soares de Andrade, pesquisador da Embrapa Acre e especialista nesse assunto, a proporção ideal de leguminosa em pastos consorciados é de 20% a 45%. Esse índice não se mantém constante quando as cultivares escolhidas para consórcio são pouco compatíveis. É o que acontece, por exemplo, com a puerária em associação com a grama estrela roxa sob pastejo rotacionado (a leguminosa logo desaparece da área) ou com o *Stylosanthes guianensis*, cultivar Mineirão, que produz pouca semente e exige ressemeadura após três anos. Em outros casos, a leguminosa até é persistente, mas não se harmoniza com o capim. No Brasil, o principal exemplo de consórcio compatível com alta estabilidade é o

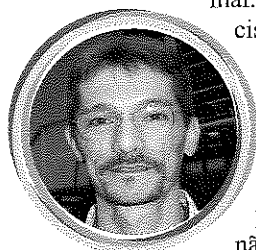
de amendoim forrageiro (*Arachis pintoi*) com braquiária ou grama estrela.

Não é viável, segundo Andrade, tentar corrigir a baixa compatibilidade de uma leguminosa com graminhas por meio de manejo de pastejo, pois isso geralmente resulta em estratégias pouco flexíveis ou muito complexas, que levam o produtor a abandonar o consórcio. Em função disso, é preciso, na opinião do pesquisador, aprofundar as pesquisas sobre os mecanismos de compatibilidade das plantas de forma a desenvolver novas cultivares de leguminosas com potencial para uso em consórcios.

Outras medidas

Além da integração lavoura-pecuária e das leguminosas, outras medidas devem ser tomadas para a obtenção de sistemas pastoris sustentáveis, visando, inclusive, à mitigação das emissões de gases de efeito estufa. Dentre elas, Patrícia Perondi Anção Oliveira, pesquisadora da Embrapa Sudeste, recomenda o uso mais eficiente de corretivos e fertilizantes, especialmente os nitrogenados. “Quando o teor de N é superior a 2% nas folhas, aplicar esse adubo não aumenta a produção, apenas gera desperdício”, salientou. A pesquisadora também lembrou que o parcelamento do adubo nitrogenado diminui as perdas por lixiviação e as emissões de óxido nitroso para a atmosfera, além da volatilização da amônia.

Outra forma de elevar a sustentabilidade da pecuária é suplementar os animais. Segundo Flávio Portela, professor da Esalq, uma revisão de 48 experimentos nessa área mostra que os ganhos variam de 267 a 920 grama/por cabeça/dia. A grande dificuldade, para o produtor, é saber qual produto usar, quanto e quando suplementar. A escolha do suplemento depende, segundo ele, das condições do pasto, da categoria animal e das metas de desempenho almejadas. Da mesma forma, a decisão quanto às estratégias de suplementação variam conforme o nível de intensificação da fazenda. “O ideal é manter ganhos de peso constantes, por meio de suplementação tanto na seca quanto nas águas, mas isso exige boa logística de trato e capital para compra de gado, já que a lotação aumenta”, salienta Portela. ■



Dias-Filho, da Embrapa Amazônia Oriental: é preciso recuperar áreas degradadas.

Presenteie com informação de qualidade



Presenteie com assinaturas das melhores revistas da agropecuária brasileira: **DBO** (pecuária de corte), **Mundo do Leite** (pecuária leiteira) e **Agro DBO** (agricultura).

Para presentear acesse o site www.assinedbo.com.br ou ligue 0800 11 0618.

Presenteie alguém

0800 11 0618